

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

**COMÉRCIO EXTERIOR BRASIL-CHINA E AS
ALTERAÇÕES NA PRODUÇÃO INDUSTRIAL
BRASILEIRA, NO PERÍODO 2000 A 2014**

MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO

André Ricardo Silva Schneider

Santa Maria, RS, Brasil

2015

**O COMÉRCIO EXTERIOR BRASIL-CHINA E AS
ALTERAÇÕES NA PRODUÇÃO INDUSTRIAL BRASILEIRA,
NO PERÍODO 2000 A 2014**

André Ricardo Silva Schneider

Monografia de Graduação apresentada na disciplina CIE1053 MONOGRAFIA
II, como parte dos requisitos de aprovação.

Orientador: Ricardo Rondinel

Santa Maria, RS, Brasil

2015

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Curso de Ciências Econômicas**

A comissão Examinadora, abaixo assinada,
Aprova a Monografia de Graduação

**O COMÉRCIO EXTERIOR BRASIL-CHINA E AS ALTERAÇÕES NA
PRODUÇÃO INDUSTRIAL BRASILEIRA, NO PERÍODO 2000 A 2014**

Elaborado por
André Ricardo Silva Schneider

Como requisito de aprovação da disciplina CIE1053 MONOGRAFIA II

COMISSÃO EXAMINADORA:

Ricardo Rondinel
(Orientador)

Kalinca Léia Becker
(Membro)

Elder Estevão de Mello
(Membro)

Santa Maria, Julho de 2015

RESUMO

Monografia de Graduação
Curso de Graduação em Ciências Econômicas
Universidade Federal de Santa Maria

O COMÉRCIO BILATERAL BRASIL-CHINA E AS ALTERAÇÕES NA PRODUÇÃO INDUSTRIAL BRASILEIRA, NO PERÍODO 2000 A 2014

Autor: ANDRÉ RICARDO SILVA SCHNEIDER

Orientador: PROF. RICARDO RONDINEL

Data e Local da Defesa: Santa Maria, Julho de 2015.

A presente monografia discute as relações comerciais brasileiras com a China no período compreendido entre 2000 e 2014 e a influência que o comércio com este país exerceu na indústria do Brasil. O crescimento da participação chinesa nas exportações teve com um dos efeitos a primarização dos bens exportados que passaram a ser constituídos principalmente por commodities básicas como alimentos e produtos da indústria extrativa, enquanto na pauta importadora os produtos de maior elaboração industrial ganharam participação significativa. Na indústria brasileira foi verificado um incremento da participação no valor bruto de produção (VBP) dos bens básicos e uma perda da participação no VBP dos bens manufaturados. Concluiu-se a partir desta análise que o crescimento do comércio Brasil-China alterou a pauta exportadora brasileira significativamente em função da demanda chinesa, bem como teve influência na produção industrial com o crescimento das indústrias de alimentos, bebidas, tabaco e da indústria extrativa. Enquanto a pauta importadora vinda da China, não pareceu exercer influência suficiente na indústria brasileira, por tomar lugar das importações de outros países ao invés de afetar a indústria nacional.

Palavras Chave: Comércio Exterior. Brasil. China. Indústria.

ABSTRACT

Monograph of Graduation
Graduation Course in Economics Sciences
Universidade Federal de Santa Maria

THE BRAZIL-CHINA BILATERAL TRADE AND CHANGES IN BRAZILIAN INDUSTRIAL PRODUCTION IN THE PERIOD 2000 TO 2014

Author: ANDRÉ RICARDO SILVA SCHNEIDER

Advisor: PROF. RICARDO RONDINEL

Date and Place of Defense: Santa Maria, July of 2015.

This Monograph discusses the Brazilian trade relations with China in the period between 2000 and 2014 and the influence that trade with this country exercised in Brazil industry. The growth of the Chinese share of exports had as one of the effects the primarization of exported goods, which are now mostly made of basic commodities like food and mining, and quarrying products, while in the importer agenda, the products with increased industrial development have gained significant share. In Brazilian industry, there was an increase in the gross value of production (GVP) of basic goods and a loss in the GVP share of manufactured goods. It was concluded from the analysis that the Brazil-China trade growth changed the Brazilian exporter agenda significantly by Chinese demand, and also influenced the industrial production with the growth of the food, beverages, tobacco and mining and quarrying. While the importer agenda coming from China, did not seem to exert sufficient influence on Brazilian industry, by taking place off imports from other countries rather than affecting the domestic industry.

Keyword: International Trade. Brazil. China. Industry.

LISTA DE TABELAS

Tabela – 1	Brasil: Distribuição relativa anual das exportações e importações por fator agregado (em percentual)	15
Tabela – 2	Brasil: Distribuição Relativa do valor das exportações e importações nos anos de 2000, 2008 e 2014 (Valor percentual)	18
Tabela – 3	Exportações, importações e saldo da balança comercial Brasil-China no período 2000-2014 (Valor em US\$ bilhões)	19
Tabela – 4	Comércio Brasil-China, distribuição relativa anual das exportações e importações por fator agregado (Valor em percentual)	21
Tabela – 5	Distribuição relativa anual das exportações totais do Brasil, por setor da NCM, nos anos de 2000, 2008, 2012 e 2014. Participação da China como receptora de exportações brasileiras por seção da NCM	25
Tabela – 6	Distribuição relativa anual das importações totais do Brasil, por setor da NCM, nos anos de 2000, 2008, 2012 e 2014. Participação da China como provedora de Importações por seção NCM	26
Tabela – 7	Saldo Comercial entre Brasil e China por Seção NCM nos anos 2000, 2008, 2012 e 2014 (em US\$ milhões)	28
Tabela – 8	Comércio Brasil-China: Índice de Grubel-Lloyd para seções NCM, 2000, 2008, 2012 e 2014	29
Tabela – 9	Distribuição relativa anual do Valor bruto de produção industrial, por seção NCM, nos anos 2000, 2008 e 2012. (Valor em Percentual)	32
Tabela – 10	Participação do VTI no VBP da seção, por seção NCM, nos anos de 2000, 2008 e 2012 (valores em percentual)	33

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico – 1	Brasil: Exportação, importação e balança comercial (Valores em US\$ bilhões)	15
Gráfico – 2	- Brasil: Balança comercial por fator agregado e regiões nos anos de 2000 e 2014 (Valor em US\$ bilhões)	18
Gráfico – 3	Participação Chinesa nas Exportações e Importações Brasileiras (Em percentual)	19
Gráfico – 4	Números índices (Base=100 no ano de 2013) dos termos de troca Brasil e China no período 2000 a 2013	21
Gráfico – 5	Taxa de Câmbio real R\$/Yuan no período 1980 a 2013	25

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	ALTERAÇÕES NO PADRÃO DE COMÉRCIO DO BRASIL	11
3	PANORAMA GERAL DO COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO	14
3.1	Comércio exterior brasileiro por fator agregado	15
4	COMÉRCIO BILATERAL BRASIL-CHINA	19
4.1	Termos de troca	22
4.2	Taxa de câmbio R\$/Yuan	23
4.3	Composição setorial das pautas exportadora e importadora no comércio Brasil-China	24
4.4	Tipos de comércio do Brasil com a China, segundo índice de Grubel-Lloyd ...	28
5	EFEITOS DO COMÉRCIO BRASIL-CHINA NA PRODUÇÃO INDUSTRIAL BRASILEIRA	31
6	CONCLUSÃO	34
	REFERÊNCIAS	35
	ANEXOS	37

1 INTRODUÇÃO

O Brasil atualmente tem por principal parceiro no comércio exterior a China, esta vem ganhando o espaço ocupado anteriormente por outras nações, como Estados Unidos e Argentina. Porém, a demanda chinesa por commodities afeta a pauta exportadora de forma direta, e o crescimento da participação das manufaturas provenientes da China no mercado mundial vem afetando indiretamente a produção de bens de maior elaboração industrial no Brasil. O período 2000 até 2014 é marcado pela crescente participação chinesa no comércio brasileiro, alteração da pauta exportadora brasileira e reestruturação da indústria brasileira que se adequou a uma nova dinâmica exportadora.

O presente trabalho busca explicar se o crescimento do comércio exterior Brasil-China afetou a dinâmica do comércio exterior brasileiro e quais os efeitos causados por este na indústria brasileira. A primeira hipótese a ser levantada é a de que o crescimento da participação do comércio chinês afeta as exportações e importações, causando o direcionamento da pauta exportadora a produtos básicos enquanto que a pauta importadora se direciona a produtos de maior elaboração industrial. A segunda hipótese a ser averiguada, caso a primeira se confirme, é a de que as alterações na dinâmica do comércio brasileiro em função do aumento da importância chinesa afetam a indústria nacional alterando sua estrutura no intuito de suprir a demanda crescente de commodities.

São analisadas as relações comerciais entre Brasil e China, no intuito de confirmar a mudança na estrutura das pautas exportadora e importadora, o que é verificado a partir da análise das exportações e importações por fator agregado, da participação de diferentes países no comércio exterior brasileiro, dos termos de troca de Brasil e China e da taxa de câmbio real entre estes países. Também, no intuito de investigar as alterações na estrutura da indústria brasileira, faz-se uma análise do comércio intra-indústria e dos valores brutos da produção (VBP) e da transformação industrial (VTI).

A China atualmente tem uma das maiores participações no comércio mundial, vem apresentando participação crescente nas exportações e importações brasileiras e parece ter alterado a estrutura da produção brasileira de bens que se direciona a atender a demanda chinesa.

Esta monografia está estruturada em cinco itens. Em primeiro momento no item 2 se apresenta uma breve revisão bibliográfica sobre o assunto, o que levou a elaboração das hipóteses iniciais de que a indústria brasileira é afetada pelo comércio com a China. No item 3

se apresenta uma breve análise do panorama geral do comércio exterior brasileiro, antes de alterar o foco para o comércio bilateral com a China. Já no item 4, primeiramente se apresenta a participação da China nas exportações e importações brasileiras por fator agregado e, a seguir, é apresentada a evolução dos termos de troca de ambos países e a evolução da taxa de câmbio real do real em relação ao yuan. Por fim, faz-se uma breve análise dos índices de Grubell-Loyd para identificar se o comércio com a China prevalecente é interindústria ou intra-indústria. Finalmente, no item 5 se apresenta uma análise do valor bruto da produção e valor de transformação industrial procurando mostrar os efeitos na produção industrial doméstica do incremento do comércio Brasil-China.

2. ALTERAÇÕES NO PADRÃO DE COMÉRCIO DO BRASIL

O Brasil atualmente em suas relações com a China mantém características semelhantes a que os países subdesenvolvidos têm com os desenvolvidos, este tem alterado a pauta de exportações para commodities primárias e a de importação para produtos manufaturados de baixa e média tecnologia, indústria que até o fim do século passado era relativamente significativa no país. No curto prazo esta relação é viável e traz benefícios para ambas as nações porém, a longo prazo a nação que se especializa nas commodities primárias tende à subordinar-se a nação mais desenvolvida em função da distribuição de fatores e tecnologia entre os países, como apresentado por Salvatore (2006, p. 19) faz-se necessário que as nações levem em consideração suas necessidades específicas de desenvolvimento e a teoria tradicional seja ampliada incorporando mudanças na oferta de fatores, tecnologia e gostos, significando que o padrão de desenvolvimento do país não será determinado de forma definitiva e sim reavaliado com o passar do tempo.

A alteração no padrão de comércio brasileiro leva a pensar que esta não seja a melhor alternativa como impulso para o crescimento de um país, porém, há outras maneiras pelas quais uma nação se beneficia mantendo relações comerciais. Algumas das mais relevantes são:

- 1- A utilização plena de recursos domésticos, que outrora seriam utilizados de maneira ineficiente devido a demanda interna insuficiente;
- 2- As economias de escala que maximizam a utilização dos fatores produtivos, resultando em menores custos de produção e incremento dos bens e serviços;
- 3- A transmissão de tecnologia e capacitação, assim como o fluxo de capital internacional dos países desenvolvidos para aqueles em desenvolvimento;
- 4- Influência contra os monopólios em função da maior eficiência dos produtores ao enfrentarem concorrência estrangeira. (Salvatore, 2006, p. 193).

Nogueira (2008) analisa a proposta de Furtado de que a industrialização é um dos impasses dos países em desenvolvimento, sem esta existe a deterioração dos termos de troca, a tendência de primarização da pauta exportadora brasileira apresenta riscos em função disto, a estrutura do setor agrícola exportador moderno para o mercado internacional de um lado e a estrutura do setor de subsistência interno com baixa produtividade e salários de outro que causam desestímulo à inovação tecnológica, causando a supracitada deterioração dos termos de troca. O que se evidencia predominantemente é uma tendência a reprimarização da pauta de exportações do Brasil, o que já citado anteriormente causa problemas no longo prazo, as manufaturas vêm perdendo espaço nas duas últimas décadas e os produtos básicos ou manufaturados de baixo valor agregado vem ganhando espaço.

Relativamente às políticas comerciais que são um conjunto de medidas utilizadas pelo governo com o objetivo de intervir no comércio internacional, estas têm comumente a tendência de favorecer os setores da indústria nacional em face da concorrência estrangeira e/ou aumentar a receita do governo.

A política comercial na China de acordo com (Stefen, Albuquerque e Orth, 2011) tem por objetivo “acelerar a abertura da economia, introduzir tecnologia e know-how estrangeiros, desenvolver o comércio exterior e promover um desenvolvimento econômico que seja “mutuamente benéfico” com seus parceiros comerciais”. É importante destacar que diferente do Brasil que teve seu desenvolvimento industrial voltado para o consumo interno, o comércio internacional foi o elemento central da política econômica da China, utilizando a liberalização das importações no intuito de fomentar a produção interna e a exportação de bens como centro do desenvolvimento do país. Outro ponto importante é que apesar da China utilizar as regras da OMC para evitar medidas discriminatórias contra suas exportações, esta é um dos principais alvos da aplicação de medidas antidumping devido ao elevado grau de competitividade de suas exportações.

A China segundo estudo de Oliveira et al. (2010) tornou-se um dos principais exportadores e importadores mundiais, pois o governo local valoriza as empresas com setor intensivo em tecnologia de ponta, além de aliar o investimento estrangeiro direto as empresas estatais para fortalecer a produção local e direcionar as exportações para o setor de tecnologia concedendo incentivos fiscais e financeiros especificamente para que parte da produção fosse exportada. Os principais fatores que fazem a China ser altamente competitiva segundo Nonnenberg et al (2008) são os baixos custos da mão-de-obra, altos investimentos diretos externos e a existência de economias de escala.

Em relação a política cambial segundo Thorstensen (2011) em função dos instrumentos da OMC contra práticas desleais e surtos de importação basearem-se em tarifas e quotas de importação estas medidas perdem a eficácia pois os fluxos de comércio e os instrumentos de política comercial não podem ser ajustados para anular as distorções das variações cambiais.

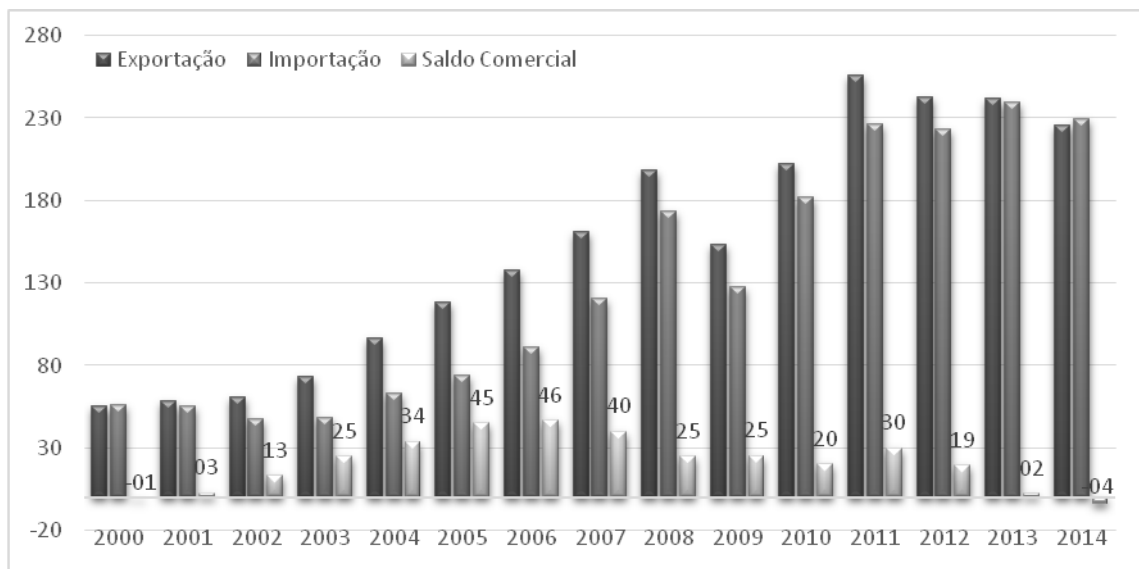
Ainda em Thorstensen (2011) a valorização cambial do Brasil, significa a anulação das tarifas consolidadas na OMC, como incentivo às importações do país pois reduzem as tarifas aplicadas a níveis negativos e a desvalorização do câmbio na China, representa um subsídio às suas exportações anulando as tarifas negociadas e as transformando em incentivos às importações chinesas.

Para o Brasil, a valorização da sua moeda praticamente anula o instrumento das tarifas e representa incentivo às importações em geral. Diante de um câmbio desvalorizado como o da China, que representa não só um incentivo às exportações do país, também cria uma tarifa extra às importações, os níveis tarifários negociados na OMC também são anulados, representando que o Brasil está oferecendo acesso a seus mercados de forma muito mais aberta do que negociou na OMC. Thorstensen (2011) contradiz a opinião de outros autores que defendem que os subsídios a exportação seriam compensados pelas importações que seriam penalizadas com tarifas mais elevadas, pois grande parte das importações chinesas tem origem em países com os quais a China tem acordos preferenciais e estas tarifas extras seriam parcialmente anuladas, convertendo-se em mais um incentivo as exportações chinesas. O desalinhamento das políticas cambiais representa uma seria distorção dos instrumentos de política de comércio internacional, principalmente sobre o instrumento da política tarifaria, fundamental para uma política industrial eficiente.

3. PANORAMA GERAL DO COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO

O comércio exterior brasileiro teve excelente desempenho no período 2000-2014. As exportações brasileiras impulsionadas pelo aumento dos preços das commodities mundiais desde o início do século são responsáveis pelos superávits comerciais registrados no período. Estes apresentam seu maior nível em 2006 quando atingem 46 US\$ bilhões.

Gráfico 1- Brasil: Exportação, importação e balança comercial (Valores em US\$ bilhões).



Fonte:Elaboração própria a partir de dados brutos MDIC/SECEX.

No gráfico 1 observa-se a partir de 2007 a redução dos superávits, causadas pelo crescimento das importações a taxas superiores à das exportações em função da valorização do real. Entre 2008 e 2009 ocorre a única queda da corrente comercial brasileira (soma de exportações e importações), em função da crise mundial, que até então apresentava solido crescimento e os superávits da balança comercial se reduzem a 25 US\$ bilhões em ambos os anos.

No período 2010-2011 o país retoma o crescimento comercial impulsionado pela valorização das commodities em especial os minérios de ferro, atingindo superávit de 30 US\$

bilhões no ano de 2011, no entanto este valor ainda é inferior aos quatro anos que precederam a crise internacional sendo o menor destes 34 US\$ bilhões em 2004.

A partir de 2012 observa-se quedas constantes no saldo comercial brasileiro que atinge 4 US\$ bilhões negativos em 2014, causado pela leve queda das exportações brasileiras que reagiram ao preço internacional das commodities e da desaceleração do crescimento chinês.

3.1 Comércio exterior brasileiro por fator agregado

Apesar dos resultados semelhantes em 2001 e 2013 obtidos pelo saldo da balança comercial brasileira (Gráfico 1) a composição das pautas de exportação e importação se alteraram significativamente. Na tabela 1 que apresenta as exportações e importações por fator agregado, observou-se uma crescente participação de bens básicos e participação decrescente nos manufaturados.

Tabela 1- Brasil: Distribuição relativa anual das exportações e importações por fator agregado (em percentual).

Ano	Exportações			Importações		
	Básicos	Semimanufaturados	Manufaturados	Básicos	Semimanufaturados	Manufaturados
2000	22.8	15.4	59.0	13.2	3.8	83.0
2001	26.4	14.2	56.5	12.6	3.4	84.0
2002	28.1	14.9	54.7	15.2	3.6	81.2
2003	29.0	15.0	54.3	17.8	4.0	78.2
2004	29.6	13.9	54.9	19.6	4.5	75.9
2005	29.3	13.5	55.1	18.6	4.3	77.1
2006	29.2	14.2	54.4	18.8	4.7	76.5
2007	32.1	13.6	52.3	18.1	4.7	77.3
2008	36.9	13.7	46.8	18.3	5.1	76.6
2009	40.5	13.4	44.0	14.7	4.0	81.3
2010	44.6	14.0	39.4	13.1	3.9	82.9
2011	47.8	14.1	36.3	14.2	4.1	81.7
2012	46.8	13.6	37.5	13.1	4.0	82.8
2013	46.7	12.6	38.7	13.9	3.4	82.6

Fonte: Elaboração própria a partir de dados brutos MDIC/SECEX.

Em relação as exportações, a participação dos bens semimanufaturados se manteve relativamente estável com queda de 2,8% entre 2000 e 2013. A participação dos produtos básicos apresentou crescimento de 22,8% em 2000 e cresceu para 46,7% em 2013. Na pauta de manufaturados de 2000 a 2013 houve um decréscimo contínuo de participação de 59% em 2000 para 38,7% em 2013. O aumento da participação dos bens básicos quando comparados aos produtos manufaturados representam um indicativo de reprimarização da pauta exportadora brasileira podendo ser resultado de um processo de desindustrialização.

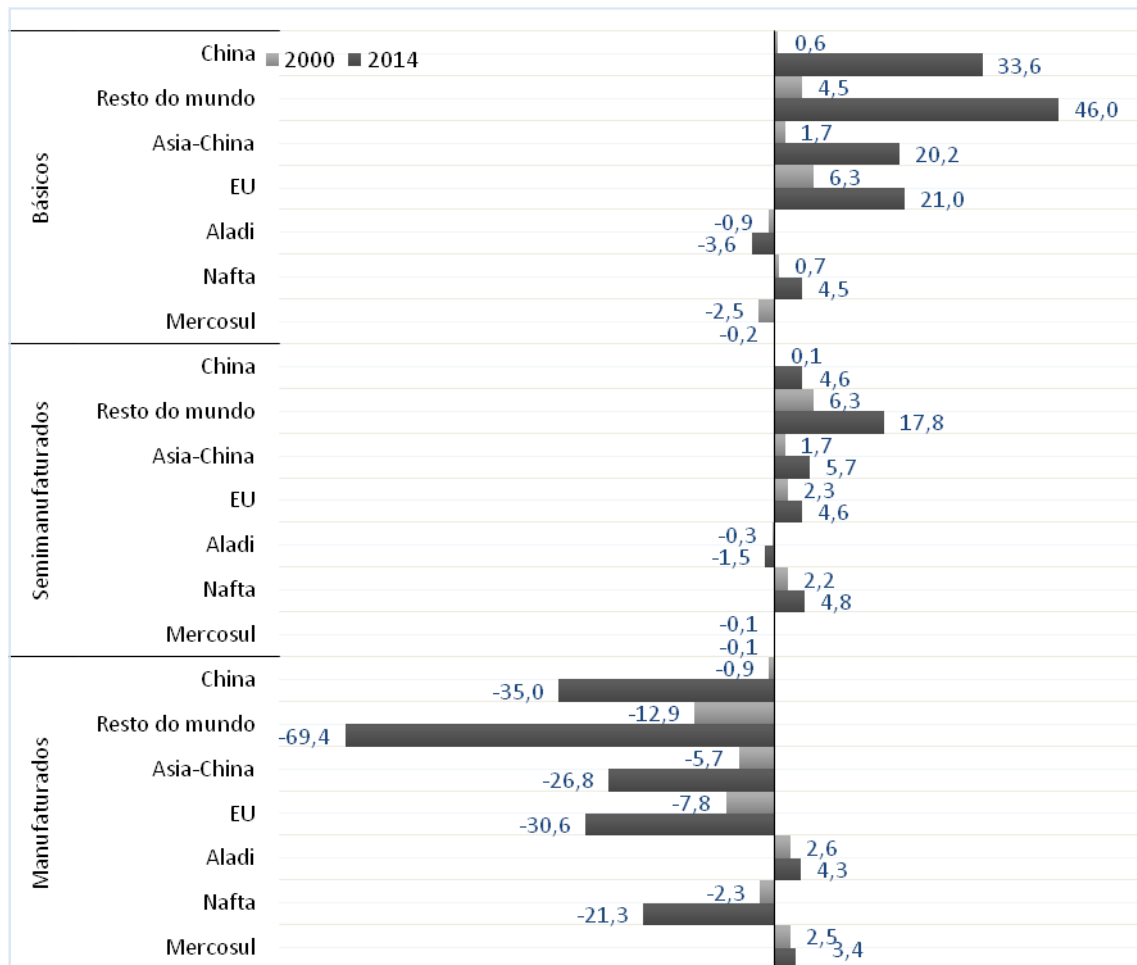
Em relação as importações, observa-se relativa estabilidade no período tanto nos básicos como nos semimanufaturados e manufaturados, apesar do incremento na participação dos básicos e redução dos manufaturados até 2007, os valores aproximam-se dos percebidos no início do período.

No gráfico 2 pode observar-se que nos produtos básicos houve aumento significativo no superávit comercial com a China de 0,6 US\$ bilhões em 2000 para 33,6 US\$ bilhões em 2014, enquanto com Aladi houve crescimento do déficit no saldo nestes produtos e redução do déficit com Mercosul que em 2000 era de 2,5 US\$ bilhões e em 2014 0,2 US\$ bilhões. Quanto a Ásia excetuando-se China, observa-se crescimento do superávit de 1,7 US\$ bilhões em 2000 para 20,2 US\$ bilhões em 2014, referente a União Europeia (EU) houve crescimento de 6,3 US\$ bilhões em 2000 para 21 US\$ bilhões em 2014 enquanto com o resto do mundo observa-se crescimento do superávit de 4,5 US\$ bilhões em 2000 para 46 US\$ bilhões em 2014. Por último apesar de pouco expressivo houve também crescimento no superávit com Nafta.

Referente aos produtos semimanufaturados observa-se que o comércio teve crescimento significativo aumentando o superávit de 0,1 US\$ bilhões em 2000 para 4,6 US\$ bilhões em 2014 e que outras regiões se mantiveram relativamente estáveis exceto resto do mundo que teve crescimento de 6,3 US\$ bilhões em 2000 para 17,8 US\$ bilhões em 2014.

Quanto aos produtos manufaturados observou-se crescimento significativo do déficit da China que em 2000 era de 0,9 US\$ bilhões e em 2014 alcançou 35 US\$ bilhões, quanto ao Resto do mundo em que se observa déficit de 12,9 US\$ bilhões em 2000 alcançou 69,4 US\$ bilhões em 2014. Outras regiões que já apresentavam déficit, Ásia exceto China, União Europeia e Nafta também mostram crescimento do mesmo. Em relação as regiões que apresentavam superávit, ALADI e MERCOSUL, ambas mantiveram crescimento pouco expressivo durante o período.

Gráfico 2- Brasil: Balança comercial por fator agregado e regiões nos anos de 2000 e 2014 (Valor em US\$ bilhões).



Fonte: Elaboração própria a partir de dados ALICEWEB.¹

Na tabela 2 se mostra que a China teve o crescimento mais expressivo das regiões analisadas registrando participação de 18% em 2014 comparados aos 2% em 2000 na pauta exportadora, e aumento de 2,2% em 2000 para 16,3% na pauta importadora brasileira. Outras regiões que também registram aumento na participação das exportações e importação foram Ásia menos China e Resto do Mundo. Em relação as outras regiões, União Europeia (EU), Aladi, Nafta e Mercosul apresentaram redução na participação das pautas exportadora e importadora.

Fica evidente que o saldo positivo na balança comercial brasileira obtido é resultado do aumento das exportações de bens primários em grande parte para Ásia e especialmente para China, esta última também registrou influência crescente no déficit dos produtos manufa-

¹Resto do mundo refere-se aos países que não entram nas outras opções.

Tabela 2- Brasil: Distribuição Relativa do valor das exportações e importações nos anos de 2000, 2008 e 2014 (Valor percentual).

Anos	Exportações			Importações		
	2000	2008	2014	2000	2008	2014
China	2,0	8,4	18,0	2,2	11,6	16,3
Resto do Mundo	8,7	18,4	17,7	11,0	17,5	14,7
Asia-China	9,5	10,6	14,6	13,2	15,7	14,8
EU	27,9	23,5	18,7	26,0	20,9	20,4
Aladi	9,5	11,0	7,2	6,9	7,2	7,4
Nafta	28,4	17,1	14,7	26,6	18,6	18,9
Mercosul	14,0	11,0	9,1	14,0	8,6	7,5

Fonte: Elaboração própria a partir de dados ALICEWEB.

turados, tomando lugar de outros parceiros anteriormente mais relevantes, o que evidencia a importância do comércio bilateral com este país.

4. COMÉRCIO BILATERAL BRASIL-CHINA

O comércio bilateral Brasil-China sofreu mudanças significativas no período 2000-2014, a corrente de comércio entre estes (Exportações + Importações) aumentou 34 vezes de 2,3 US\$ bilhões em 2000 para 77,9 US\$ bilhões em 2014, fazendo com que a China passasse de 12º maior parceiro comercial em 2000 para 1º em 2014, tornando-se o maior parceiro comercial brasileiro.

A Tabela 3 mostra a evolução do comércio Brasil-China, as exportações tiveram crescimento no valor médio anual de 32% ao ano no período 2000-2014, alcançando 40,6 US\$ bilhões em 2014, enquanto as importações tiveram crescimento no valor médio anual de 30,6% ao ano no mesmo período, alcançando 37,3 US\$ bilhões em 2014. As exportações cresceram a um ritmo um pouco maior do que as importações até o ano de 2011. A partir desse ano houve uma queda no ritmo de crescimento das exportações.

No período 2010-2011 em função da valorização do preço das commodities houve novo crescimento expressivo nas exportações brasileiras para a China conforme será analisado na seção (4.3).

Tabela 3- Exportações, importações e saldo da balança comercial Brasil-China no período 2000-2014 (Valor em US\$ bilhões).

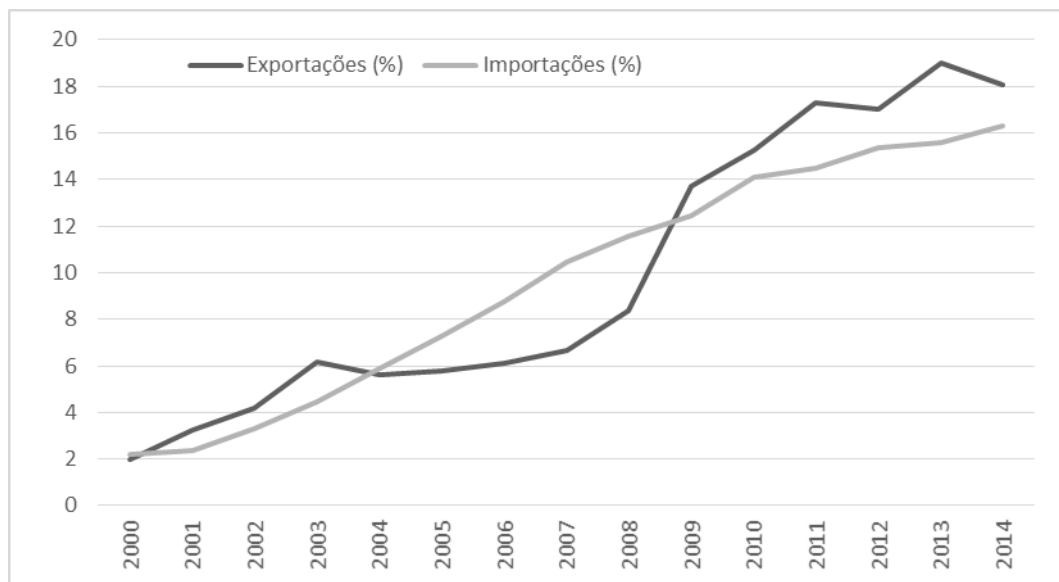
Ano	Exportações (X)	Variação % anual das X	Importações (M)	Variação % anual das M	Saldo da balança comercial
2000	1,1	-	1,2	-	-0,1
2001	1,9	75,3	1,3	8,7	0,6
2002	2,5	32,5	1,6	17,0	0,9
2003	4,5	79,8	2,1	38,2	2,4
2004	5,4	20,0	3,7	72,8	1,7
2005	6,8	25,6	5,4	44,3	1,5
2006	8,4	22,9	8,0	49,2	0,4
2007	10,7	27,9	12,6	58,0	-1,9
2008	16,5	53,7	20,0	58,8	-3,5
2009	21,0	27,1	15,9	-20,6	5,1
2010	30,8	46,6	25,6	60,9	5,2
2011	44,3	43,9	32,8	28,1	11,5
2012	41,2	-7,0	34,3	4,5	7,0
2013	46,0	11,6	37,3	8,9	8,7
2014	40,6	-11,8	37,3	0,1	3,3

Fonte: Elaboração própria a partir de dados ALICEWEB.

Observa-se no entanto déficit no saldo comercial brasileiro com a China no período 2007 e 2008, ocasionados pelo crescimento das importações (média de 58,4% no período) superior ao das exportações (40,8% média do período) que por sua vez foi impulsionado pela valorização do Real frente ao Yuan. Já em 2009, em função da crise mundial o crescimento das exportações, apesar de sofrer queda, manteve-se em um patamar mais elevado que as importações, que decresceram 20,6%.

No gráfico 3 observa-se o aumento da participação chinesa no comércio exterior brasileiro nas exportações que cresceram de 1,97% em 2000 para 18,04% em 2014, e nas importações que cresceram de 2,19% em 2000 para 16,30% em 2014, apesar da relativa estabilidade da participação das exportações entre 2003 e 2007, a partir de 2008 se observa uma aceleração do crescimento desta, que atinge o ponto mais alto em 2013 no total de 19,01%. Este efeito poderia ser explicado pela melhora dos preços das commodities exportadas pelo Brasil, o que será analisado na próxima seção (4.3).

Gráfico 3-Participação Chinesa nas Exportações e Importações Brasileiras (Em percentual).



Fonte: Elaboração própria a partir de dados ALICEWEB.

Referente a pauta exportadora para a China, na tabela 4, observa-se o crescimento da participação dos produtos básicos que era de 68,2 % em 2000 e 84,4% em 2014. Os produtos semimanufaturados demonstram relativa estabilidade apesar de aumentarem de 13% em 2000 para 23,8% em 2003, valor mais alto registrado no período, terminaram em 2014 tendo sua

participação na pauta exportadora reduzida a 11,5%. Já os produtos manufaturados demonstraram aumento da participação entre 2000 e 2003 crescendo de 18,8% para 25,9% e, posteriormente, seguem uma trajetória descendente terminando a série em 2014 com participação de 4% do total, confirmando a primarização da pauta exportadora brasileira com destino a China.

Tabela 4- Comércio Brasil-China, distribuição relativa anual das exportações e importações por fator agregado (Valor em percentual)

Ano	Exportações			Importações		
	Básicos	Semimanufaturados	Manufaturados	Básicos	Semimanufaturados	Manufaturados
2000	68,2	13	18,8	8,2	1,3	90,4
2001	60,7	14,4	24,4	10,5	1,4	88,1
2002	61,5	17,6	20,6	14,6	1,2	84,2
2003	50	23,8	25,9	15,2	1,2	83,6
2004	59,4	22,7	17,8	10,5	1,4	88,1
2005	68,4	14,7	16,7	4,6	1,3	94,2
2006	74	15,2	10,5	2,5	1,1	96,4
2007	73,8	18	8,1	2,6	0,7	96,7
2008	77,7	15,7	6,6	4,3	0,5	95,2
2009	77,7	15,5	6,8	1,6	0,3	98,1
2010	83,7	11,8	4,5	2,1	0,4	97,5
2011	85	10,4	4,6	2,7	0,3	97
2012	82,8	11,3	5,8	2,1	0,3	97,6
2013	84,7	11,9	3,4	2,3	0,2	97,5
2014	84,4	11,5	4	1,8	0,3	98

Fonte: Elaboração própria a partir de dados MEDIC/SECEX.

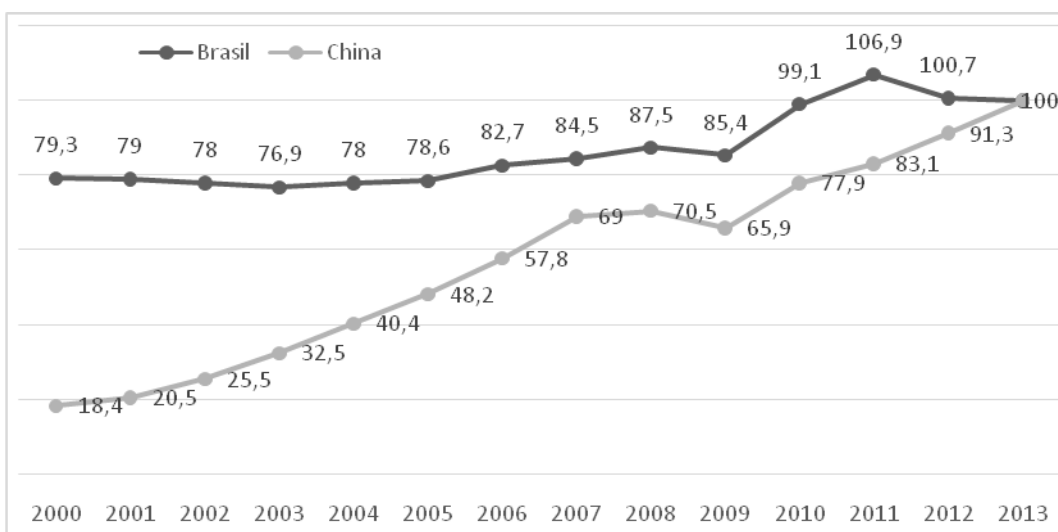
No que tange a pauta importadora, foi verificado uma queda na participação dos produtos básicos que reduziram a participação de 8,2% em 2000 para 1,8% em 2014, enquanto os produtos manufaturados, que já detinham grande parte da participação nas importações, mantiveram sua predominância atingindo 98% do total em 2014. Porém o crescimento da participação das manufaturas deste país sozinho não é indício suficiente para supor que o comércio com a China seja a causa da reprimarização da produção brasileira.

4.1 Termos de troca

Os termos de troca são definidos por Salvatore (2006, p. 54) como “a relação entre o preço de sua commodity de exportação e o preço de sua commodity de importação”. Ainda em Salvatore (2006, p. 197) é sugerido que os termos de troca das nações em desenvolvimento tendem a se deteriorar ao longo do tempo. Os motivos alegados para que isso aconteça estão relacionados a tendência da demanda por produtos manufaturados das nações crescerem muito mais rápido do que a demanda por produtos agrícolas, pois a elasticidade renda da demanda por produtos manufaturados é muito mais elevada. Outro fator relevante é que as nações em desenvolvimento tendem a experimentar flutuações nos preços das exportações primárias e a demanda destas se altera (é elástica) em grande proporção em função da alteração do preço. Nos setores primários a demanda pode ser instável em função de flutuações nos ciclos dos negócios nas nações desenvolvidas.

No gráfico 4 vemos que o Brasil teve seus termos de troca mantidos relativamente estáveis entre 2000 e 2005, percebe-se ganhos significativos no período 2006 a 2008. Posteriormente no ano de 2009 apresentou deterioração em função da crise mundial. Em 2010 e 2011 impulsionado pelo aumento dos preços das commodities mundiais fica evidenciado o ganho mais expressivo, atingindo seu ápice em 2011 quando alcança 106,9. Posteriormente os dois últimos anos da série (2012 e 2013) apresentam nova deterioração em função do preço das importações que cresceram em ritmo mais acelerado que o das exportações.

Gráfico 4- Números índices (Base=100 no ano de 2013) dos termos de troca Brasil e China no período 2000 a 2013.



Fonte: Elaboração própria a partir de dados UNCTAD.

Quanto a China, vê-se uma tendência ascendente dos termos de troca em todo o período, excetuando-se o ano de 2009, também em função da crise mundial. O mais importante é que este país vem tendo ganhos significativos nos termos de troca em função do aumento das exportações de produtos com maior elaboração industrial.

4.2 A taxa de câmbio real R\$/Yuan

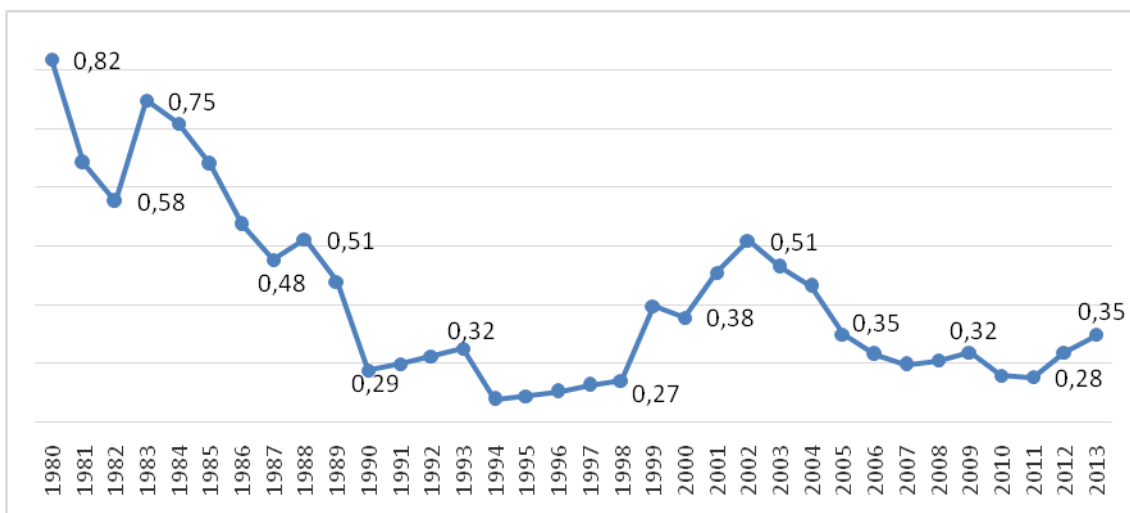
A taxa de câmbio impacta o setor externo via balança comercial e altera a estrutura da economia. Depreciações reais na taxa de câmbio causam aumento das exportações líquidas.

No Brasil a valorização cambial prejudica os produtos manufaturados, já que os produtos importados se tornam mais baratos em relação aos brasileiros, causando mudanças na composição das exportações que, por sua vez afetam, a estrutura produtiva e o desempenho econômico do país.

A China mantém uma política de desenvolvimento, apoiada na taxa de câmbio desvalorizada frente ao dólar, em função disto os produtos da indústria brasileira perdem competitividade frente a seus produtos.

No gráfico 5 vemos a evolução da taxa de câmbio real R\$/Yuan entre 1980 a 2013, evidencia-se uma valorização do Real frente a moeda chinesa no período analisado, o que afe-

Gráfico 5 – Taxa de Câmbio real R\$/Yuan no período 1980 a 2013.



Fonte: Elaboração própria a partir de dados FMI/IFS.

ta a produção de bens com maior elaboração industrial no Brasil, que poderia explicar parcialmente a primarização da pauta exportadora brasileira e o aumento contínuo da participação de bens manufaturados chineses nas importações do Brasil.

No longo prazo observa-se que o Real tem se apreciado em relação ao Yuan, como efeito disto as manufaturas chinesas são favorecidas justificando o crescimento na participação destas na pauta importadora brasileira. No que tange a pauta exportadora, mesmo com a apreciação do câmbio observa-se crescimento das exportações de bens básicos pois há demanda efetiva da China por estes bens.

4.3 Composição setorial das pautas exportadora e importadora no comércio Brasil-China.

No intuito de averiguar se o crescimento dos fluxos comerciais com a China afetou a estrutura do comércio exterior brasileiro, calculou-se a composição setorial das pautas exportadora e importadora e a participação chinesa em cada setor de acordo com a Nomenclatura Comum do Mercosul.

Analisando a tabela 5 pode-se observar que em relação a participação das seções nas exportações brasileiras a de bens de origem animal e vegetal cresceu de 12,3% em 2000 para 24,3% em 2014, enquanto a participação chinesa na exportação destes bens aumentou de 5,5% em 2000 para 32,2% em 2014, outra seção em que se evidenciou crescimento da participação da China foram a de produtos minerais que quase triplicou sua participação relativa e terminou 2014 respondendo por 22,1% das exportações brasileiras.

Em relação a outras seções é relevante citar a diminuição da participação na pauta exportadora dos Metais Comuns e suas Obras que caíram de 11,2% em 2000 para 7,2% em 2014, Máquinas e Aparelhos que reduziram de 13,2 para 7,5. A mais expressiva queda foi em materiais de transporte que reduziu de 14,6 em 2000 para 7,2 em 2014. Estes são os principais responsáveis pela redução da participação dos manufaturados nas exportações brasileiras que caíram de 79,6% em 2000 para 53,6% em 2014.

Estes resultados demonstram o crescimento das exportações de produtos básicos (Animal e Vegetal e Produtos Minerais) para a China, que foram os principais responsáveis pelos superávits comerciais registrados no período.

Tabela 5- Distribuição relativa anual das exportações totais do Brasil, por setor da NCM, nos anos de 2000, 2008, 2012 e 2014. Participação da China como receptora de exportações brasileiras por seção da NCM, em 2000, 2008, 2012 e 2014.

Seções conforme nomenclatura comum do Mercosul	Distribuição relativa das exportações totais do Brasil				Participação da China como receptora de exportações por seção NCM			
	2000	2008	2012	2014	2000	2008	2012	2014
Primário e Extrativa	20,4	37,3	45,2	46,4				
Animal e Vegetal	12,3	18	20,3	24,3	5,5	17,4	27,7	32,2
Produtos Minerais	8,1	19,3	24,9	22,1	6,4	14,1	25,4	32,8
Manufaturados	79,6	62,7	54,8	53,6				
Alimentos, Bebidas e Tabaco	11,3	11	13	11,6	1,1	2,2	5,4	5,3
Indústrias Químicas ou Conexas	5,7	4,8	4,8	5,1	0,8	1,3	2,4	3,4
Plástico e Borracha	3,1	2,5	2,5	2,5	1,8	2,1	4,8	4,1
Peles, Couros e Obras destas	1,5	1	0,9	1,4	2,9	18,5	22,3	27,1
Pastas de Madeira e matérias celulósicas	4,7	3	2,8	3,2	2,4	12,6	19,6	24,8
Matérias Têxteis e Obras	2,2	1,2	1,4	1,1	0,1	2,2	11,1	14,8
Calçados	2,9	1	0,5	0,6	0	0,2	0,3	0,4
Produtos Minerais Não Metálicos	1,4	1	0,7	0,9	0,9	0,4	0,6	0,7
Metais Comuns e Obras	11,2	10,3	7,1	7,2	0,7	3	5,8	5,9
Máquinas e Aparelhos	13,2	9,8	7,8	7,5	0,6	2	2,5	2
Material de Transporte	14,6	11,3	8	7,2	0,6	1,2	4,8	1,3
Ótica, Fotografia, Cirúrgicos, Relojoaria	0,9	0,4	0,4	0,4	0,8	1,9	2,9	3,8
*Outros	7	5,4	5	5,1	1,9	16,9	44,3	1,3
Total	100	100	100	100				

Fonte: Elaboração própria a partir de dados ALICEWEB.

A tabela 6 mostra a participação das seções NCM nas importações totais brasileiras e a participação da China em cada seção. Manteve-se relativa estabilidade entre a proporção de bens manufaturados e primário extrativos na pauta importadora brasileira.

Tabela 6- Distribuição relativa anual das importações totais do Brasil, por setor da NCM, nos anos de 2000, 2008, 2012 e 2014. Participação da China como provedora de importações brasileiras por seção da NCM, em 2000, 2008, 2012 e 2014.

Seções conforme nomenclatura comum do Mercosul	Distribuição relativa das importações totais do Brasil				Participação da China como provedora de importações por seção NCM			
	2000	2008	2012	2014	2000	2008	2012	2014
Primário e Extrativa	21,5	25,2	22,7	24,5				
Animal e Vegetal	5,6	3,7	3,8	3,9	0,6	3,7	6,6	5,7
Produtos Minerais	15,8	21,5	18,9	20,6	0,9	1,9	0,6	0,5
Manufaturados	78,5	74,8	77,3	75,6				
Alimentos, Bebidas e Tabaco	1,2	0,9	1,3	1,4	0,3	3,8	4,3	4,1
Indústrias Químicas ou Conexas	15,4	17	16	16,5	2,3	7,5	8,4	10,9
Plástico e Borracha	5,1	5,3	5,6	5,7	0,9	7,1	11,6	12,6
Peles, Couros e Obras destas	0,4	0,3	0,3	0,3	7,9	51,8	72,5	72,1
Pastas de Madeira e matérias celulósicas	2,1	1,1	1	0,9	0,2	4,1	12,9	15,3
Matérias Têxteis e Obras	2,9	2,2	3	3,1	3,8	36,7	50,2	53,3
Calçados	0,1	0,2	0,4	0,4	39,5	70,5	29,5	26,9
Produtos Minerais Não Metálicos	0,7	0,6	0,9	0,8	2,4	24,3	37,3	36,4
Metais Comuns e Obras	4,4	6,6	6,2	5,9	2,5	13,7	19,1	24,3
Máquinas e Aparelhos	32,5	26,4	27	25,7	2,9	22	29,5	30,7
Material de Transporte	8,9	9,5	11,3	10,4	0,3	3,4	5	6,9
Ótica, Fotografia, Cirúrgicos, Relojoaria	3,5	3,6	3,1	3,1	5	19,3	13,6	13,2
*Outros	1,3	1,2	1,4	1,4	10,7	30,1	42,2	42,2
Total	100	100	100	100				

Fonte: Elaboração Própria a partir de dados ALICEWEB.

A indústria química manteve sua participação nas importações totais relativamente estável, porém a participação Chinesa nesta seção cresceu significativamente no período passando de 2,3% em 2000 para 10,9% em 2014.

A indústria de materiais de transporte manteve relativa estabilidade na participação total, porém a participação chinesa cresceu de 0,3% em 2000 para 6,9% em 2014, outra seção que apesar de participação total estável observa-se crescimento da participação chinesa é a de Plástico e borracha em que houve crescimento de 0,9% em 2000 para 12,6% em 2014.

A alteração mais significativa foi na seção de máquinas e aparelhos que teve sua participação no total das importações reduzidas de 32,5% em 2000 para 25,7% em 2014, e a participação chinesa nesta seção aumentou de 2,9% para 30,7% no mesmo período.

Apesar da participação chinesa em algumas seções de manufaturados ter aumentado no que tange as importações, não foram encontradas evidências suficientes para afirmar que isto resultou em mudança na composição setorial das importações, pois como mostra a tabela 2, a China aparenta ter tomado lugar de outros parceiros comerciais nas importações brasileiras.

A tabela 7 mostra o saldo comercial entre Brasil e China por seção Nomenclatura Comum do MERCOSUL (NCM). O saldo que em 2000 era negativo, 137 US\$ milhões, e em 2008 alcançava 3,5 US\$ bilhões, também negativos, foi revertido em 2012 quando alcançou um superávit de 6,9 US\$ bilhões, chegando em 2014 a 3,2 US\$ bilhões de superávit. As principais seções responsáveis pela inversão do saldo comercial com a China, foram as seções de bens de origem animal e vegetal que se elevaram de 560 US\$ milhões, em 2000, para 33,2 bilhões, em 2014, e de produtos minerais que teve aumento de 356 US\$ milhões em 2000 para 17 US\$ bilhões em 2014.

Os produtos manufaturados apresentaram déficit no saldo comercial de 697 US\$ milhões em 2000 e 29 US\$ bilhões em 2014. A seção mais significativa foi a de máquinas e aparelhos que aumentou seu déficit de 487 US\$ milhões para 17,7 US\$ bilhões em 2014 o que representa 59% do déficit total do comércio de manufaturas brasileiras em 2014. Nesta seção se incluem os equipamentos da indústria eletroeletrônica.

Fica evidente também que as seções Nomenclatura Comum do MERCOSUL (NCM) que apresentam saldo comercial positivo com a China, são as de produtos básicos e as de menor elaboração industrial como alimentos, bebidas e tabaco e pastas de madeira e matérias celulósicas, plástico e borracha e peles, couros e obras destas. Enquanto as seções que apresentam déficit, além de máquinas e aparelhos, são a indústria química, matérias têxteis e obras, calçados, produtos minerais não metálicos, metais comuns e obras, ótica, fotografia, materiais cirúrgicos e relojoaria bem como outros bens, com menor participação classificados como outros.

Tabela 7 – Saldo Comercial entre Brasil e China por Seção NCM nos anos 2000, 2008, 2012 e 2014 (em US\$ milhões).

Seções conforme nomenclatura comum do Mercosul	Saldo Comercial Brasil-China			
	2000	2008	2012	2014
Primário e Extrativa	560	10.622	28.245	33.198
Animal e Vegetal	356	5.948	13.105	17.093
Produtos Minerais	204	4.674	15.140	16.105
Manufaturados	-697	-14.143	-21.269	-29.925
Alimentos, Bebidas e Tabaco	64	418	1.574	1.241
Indústrias Químicas ou Conexas	-173	-2.077	-2.724	-3.721
Plástico e Borracha	6	-546	-1.160	-1.409
Peles, Couros e Obras destas	6	155	55	373
Pastas de Madeira e matérias celulósicas	59	664	1.030	1.490
Matérias Têxteis e Obras	-60	-1.351	-2.945	-3.437
Calçados	-26	-284	-225	-215
Produtos Minerais Não Metálicos	-2	-259	-717	-653
Metais Comuns e Obras	-18	-968	-1.634	-2.354
Máquinas e Aparelhos	-487	-9.641	-17.272	-17.702
Material de Transporte	37	-283	-331	-1.445
Ótica, Fotografia, Cirúrgicos, Relojoaria	-96	-1.187	-912	-902
*Outros	-7	1.216	3.992	-1.191
Total	-137	-3.522	6.976	3.273

Fonte: Elaboração própria a partir de dados ALICEWEB.

4.4 Tipo de comércio do Brasil com a China, segundo índice de Grubel-Lloyd.

De acordo com Krugman e Obstfeldt (2003) a fórmula para calcular a importância do comércio intraindustrial segundo o índice de Grubel-Lloyd se dá por:

$$GLi = 1 - \frac{|Xi - Mi|}{Xi + Mi}$$

Onde: Xi e Mi representam o valor das exportações e importações da indústria i.

O índice está contido no intervalo [0,1]. Quando o comércio for interindústria, o índice é zero, ou seja, o país somente exporta ou somente importa o bem analisado. Caso o comércio seja intraindustrial o índice é igual a um e o valor das exportações será igual ao valor das importações do bem *i*.

Na tabela 8 os índices de Grubel-Lloyd são apresentados por seções da Nomenclatura comum do Mercosul (NCM), referentes ao comércio exterior Brasil-China. Na seção animal e vegetal observa-se, que o comércio é predominantemente interindustrial. Nos alimentos, bebidas e tabaco, observa-se crescimento de 0,06 para 0,17, porém o valor ainda se encontra próximo a zero evidenciando predomínio do comércio interindustrial. Em relação aos produtos minerais observa-se queda significativa do índice, que em 2000 era de 0,44 e em 2014 0,03, ou seja, o comércio com a China neste setor se tornou predominantemente interindustrial.

Tabela 8 – Comércio Brasil-China: Índice de Grubel-Lloyd para seções NCM, 2000, 2008, 2012 e 2014.

	2000	2008	2012	2014
Animal e Vegetal	0,1	0,07	0,08	0,06
Alimentos, Bebidas e Tabaco	0,06	0,22	0,14	0,17
Produtos Minerais	0,44	0,23	0,03	0,03
Industrias Químicas ou Conexas	0,22	0,1	0,17	0,17
Plástico e Borracha	0,9	0,27	0,34	0,24
Peles, Couros e Obras	0,86	0,74	0,94	0,71
Pastas de Madeira e matérias celulósicas	0,08	0,19	0,36	0,29
Materiais Textéis e Obras	0,03	0,07	0,2	0,18
Calçados	0,03	0,03	0,03	0,05
Produtos Minerais Não Metálicos	0,88	0,05	0,03	0,04
Metais Comuns e Obras	0,82	0,55	0,55	0,45
Máquinas e Aparelhos	0,15	0,07	0,05	0,04
Material de Transporte	0,4	0,66	0,85	0,22
Ótica, Fotografia, Cirúrgicos, Relojoaria	0,07	0,03	0,06	0,07
Outros*	0,96	0,5	0,4	0,2

Fonte: Elaboração própria a partir de dados ALICEWEB.

Assim como nas seções que compreendem os produtos básicos, as seções de maior elaboração industrial apresentam queda no índice de Grubel-Lloyd. Em indústrias químicas ou conexas houve queda de 0,22 em 2000 para 0,17 em 2014, na seção metais comuns e obras observa-se queda de 0,82 em 2000 para 0,45 em 2014, e em máquina e aparelhos que em 2000 o índice era de 0,15 caiu para 0,04 em 2014.

A análise dos índices da tabela 8 quando comparadas a tabela 7, que mostra o saldo comercial brasileiro com a China por seções NCM, comprovam que a pauta exportadora brasileira está se especializando na produção de bens de baixa elaboração industrial, tendo saldo positivo nas seções de animais e vegetais e de produtos minerais, enquanto que na pauta importadora tem crescido a participação de bens manufaturados de maior elaboração industrial, principalmente máquinas e aparelhos que respondem por um déficit na balança comercial com a China cada vez maior.

5. EFEITOS DO COMÉRCIO BRASIL-CHINA NA PRODUÇÃO INDUSTRIAL BRASILEIRA

No intuito de investigar os efeitos do comércio bilateral Brasil-China para o desempenho da produção industrial brasileira, analisou-se as mudanças na estrutura setorial da produção industrial brasileira de acordo com a Pesquisa da Indústria Anual (PIA), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) com a intenção de identificar possíveis impactos do comércio no valor da produção industrial e na capacidade de agregação de valor da indústria a partir da participação do valor de transformação industrial no valor bruto da produção.

Nas tabelas subsequentes as seções de Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE)², que foram selecionadas de acordo com seus equivalentes mais próximos das seções Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM), as seções com * foram responsáveis pela geração de superávits e as seções com ** responsáveis pelos déficits na balança comercial com a China. As tabelas mostram dados até 2012, último período disponível até o fechamento da presente monografia.

Na tabela 9 observa-se que a participação dos bens básicos na produção industrial brasileira tem crescido consideravelmente aumentando sua participação no valor bruto da produção industrial brasileira de 22% em 2000 para 30% em 2012.

No quesito bens industrializados, é possível observar, ainda na tabela 9, a queda da participação da indústria química de 14% em 2000 para 11% em 2012 e a redução da participação de máquinas e aparelhos de 13% em 2000 para 11% em 2012.

É importante observar que as seções de alimentos bebidas e tabaco e produtos minerais, que apresentaram maior crescimento na participação do Valor Bruto da Produção (VBP), são também responsáveis por alguns dos maiores superávits no comércio bilateral com a China, a primeira seção apresenta superávit de 64 US\$ milhões em 2000 e aumentando para 1,574 US\$ bilhões em 2012 enquanto a segunda seção aumentou de 204 US\$ milhões para 15,14 US\$ bilhões em 2012.

Já as seções que apresentaram maior redução na participação do VBP, apresentam também déficits significativos no saldo comercial com a China, a indústria química apresentou déficit de 173 US\$ milhões em 2000 e 2,724 US\$ bilhões em 2014 e a seção de

² Utilizou-se dados CNAE 1.0 para o ano 2000 e CNAE 2.0 para 2008 e 2012.

Máquinas e aparelhos que apresentava déficit de 487 US\$ milhões em 2000 alcançou déficit de 17,27 US\$ bilhões em 2012.

Tabela 9- Distribuição relativa anual do Valor Bruto de Produção, por seção NCM, nos anos 2000, 2008 e 2012. (Valores em Percentual).

Seção NCM	2000	2008	2012
Básicos	22	25	30
Alimentos, Bebidas e Tabaco*	19	19	22
Produtos Minerais*	3	6	8
Industrializados	64	62	58
Indústrias Químicas ou Conexas**	14	12	11
Plástico e Borracha**	4	3	4
Peles, Couros e Obras destas**	1	0	0
Pastas de Madeira e matérias celulósicas*	4	3	3
Matérias Têxteis e Obras*	3	2	2
Calçados**	1	2	2
Produtos Minerais Não Metálicos**	3	3	3
Metais Comuns e Obras**	9	12	9
Máquinas e Aparelhos**	13	11	11
Material de Transporte**	11	14	13
Ótica, Fotografia, Cirúrgicos, Relojoaria**	1	0	0
Outros	14	13	12
TOTAL	100	100	100

Fonte: Elaboração própria com dados da PIA-IBGE 2000, 2008 e 2012.

A tabela 10 mostra a participação do VTI (Valor de Transformação Industrial) em relação ao VBP (Valor Bruto da Produção). Observa-se que os bens básicos tiveram aumento na participação do VTI, aumentando de 42,7% em 2000 para 50,8% em 2012, a seção alimentos, bebidas e tabacos cresceu de 36,9% em 2000 para 39,9% em 2012 enquanto a seção de produtos minerais tiveram aumento de 74,1% em 2000 para 80,4% em 2012, ou seja, houve aumento na capacidade de agregação de valor nestas seções que são superavitárias no comércio com a China.

Já as seções da indústria química e de máquinas e aparelhos que são deficitárias, além da redução da participação do VBP, ainda se evidenciou a redução da participação do VTI, na

primeira seção houve queda de 40% em 2000 para 35,8% em 2012 enquanto na segunda seção houve redução da participação do VTI de 41,7% em 2000 para 38,6% em 2012.

Tabela 10- Participação do VTI no VBP da seção, por seção NCM, nos anos de 2000, 2008 e 2012 (valores em percentual).

Seção NCM	2000	2008	2012
Básicos	42,7	46,4	50,8
Alimentos, Bebidas e Tabaco*	36,9	37,2	39,9
Produtos Minerais*	74,1	75,4	80,4
Industrializados	46,2	42,2	42,4
Indústrias Químicas ou Conexas**	40,0	36,1	35,8
Plástico e Borracha**	40,2	38,7	39,8
Peles, Couros e Obras destas**	25,9	31,0	39,3
Pastas de Madeira e matérias celulósicas*	53,6	47,5	48,7
Matérias Têxteis e Obras*	42,9	40,7	40,4
Calçados**	44,1	50,2	53,8
Produtos Minerais Não Metálicos**	53,1	47,4	47
Metais Comuns e Obras**	45	41	36,8
Máquinas e Aparelhos**	41,7	37,7	38,6
Material de Transporte**	37,4	36,8	37,1
Ótica, Fotografia, Cirúrgicos, Relojoaria**	59,0	59,3	65,6
Outros	62,8	57,4	58,5
TOTAL	45,4	43,3	45,0

Fonte: Elaboração própria com dados da PIA-IBGE 2000, 2008 e 2012.

A análise da tabela 9 e da tabela 10, confirma que a participação da China no comércio exterior brasileiro, e a crescente demanda deste país por produtos básicos afetam a produção industrial brasileira, onde os produtos das seções alimentos, bebidas e tabaco, e de produtos minerais respondem por uma parcela cada vez maior do VPB, enquanto os produtos de maior elaboração industrial, dentre estes a indústria química e a seção de máquinas e aparelhos perdem espaço.

6. CONCLUSÃO

Entre 2000 e 2014 houve alteração significativa na pauta de exportação e importação brasileira. A China se tornou o maior parceiro comercial do Brasil, passando a ocupar no comércio que antes era ocupado pelo NAFTA, União Europeia e Mercosul.

A expansão do comércio Brasil-China se dá num cenário de significativa apreciação da taxa de câmbio real R\$/Yuan e expressiva melhora dos termos de troca da China. A pauta exportadora brasileira alterou-se expandindo as exportações de bens básicos e aumentando a importação de bens manufaturados.

Os dados da monografia revelam que o tipo de comércio predominante no comércio Brasil-China é interindustrial, ou seja, a troca se dá em maior parte entre bens diversificados.

A expansão das exportações de produtos minerais, alimentos, bebidas e tabaco, provocou um aumento na participação destes produtos no VBP da indústria brasileira. Assim como a importação de máquinas e aparelhos e produtos das indústrias químicas e conexas, provocaram uma diminuição no VBP da produção destas indústrias.

Na expansão do comércio Brasil-China, o Brasil está se especializando em bens primários e a China em bens industrializados, o que contribui para o processo de desindustrialização brasileiro.

REFERÊNCIAS

FACCINI, F.; TRICHES, D.; GODOY, M. R. **Análise das políticas comerciais do Brasil, China e Índia de 1995 a 2011**. Universidade de Caxias do Sul, 2014. Disponível em: <http://www.ucs.br/site/midia/arquivos/TD_53_FEV__2013-1.pdf>. Acesso em 10/06/2015

HIRATUKA, C.; SARTI, F. **Ameaça das Exportações Chinesas nos Principais Mercados de Exportações de Manufaturados do Brasil**. Instituto de Economia UNICAMP, 2009. Disponível em: <http://www3.eco.unicamp.br/neit/images/stories/artigos/sep_2009.pdf>. Acesso em: 01/05/2015

IFS: International Financial Statistics, International Monetary Fund. Disponível em: <<http://elibrary-data.imf.org/FindDataReports.aspx?d=33061&e=169393>>. Acesso em 10/06/2015.

MDIC: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br//sitiointerna/index.php?area=5>>. Acesso em: 10/06/2015.

MÓDOLO, D. B.; HIRATUKA, C. **Impacto da concorrência chinesa em terceiros mercados: uma análise por regiões e por categorias tecnológicas**. Estudos Econômicos, Ministério da Fazenda: Dezembro 2012. Disponível em <http://www.fazenda.gov.br/banners-esquerda/arquivos/estudos-economicos/estudos_economicos_texto_03.pdf>. Acesso em: 11/06/2015

NOGUEIRA, I. **A inserção comercial do Brasil na arquitetura produtiva centrada na China**. Rede de Estudos de América Latina e Caribe sobre Ásia-Pacífico (REDEALAP). Agosto, 2008. Disponível em: <http://www.academia.edu/4552088/_inser%C3%A7%C3%A3o_comercial_do_Brasil_na_arquitetura_produtiva_centrada_na_China>. Acesso em: 01/11/2014

NONNENBERG, M. B.; LEVY, P. M.; NEGRI, F. DE; COSTA, K. P. **O crescimento econômico e a competitividade chinesa**. IPEA, Brasília, 2008. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=4889>. Acesso em: 27/04/2015

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa da Indústria Anual**, 2012. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 03/06/2015.

SALVATORE, D. **Economia Internacional** Sexta Edição. Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 2000 (capítulos, 4, 7, 11, páginas 19, 20, 53, 54, 193-197).

SISTEMA DE ANÁLISE DE COMERCIO EXTERIOR (ALICEWEB): Disponível em <<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br/>>. Acesso em: 01/06/2015.

STEFFEN, P.; ALBUQUERQUE, R. A.; ORTH, C. F. **China Perfil e Oportunidades Comerciais.** Apex Brasil, 2011. Disponível em: <<http://www.crpbz.org.br/PortalUploads/Docs/700.pdf>>. Acesso em: 10/05/2015

THORSTENSE, V. **BRASIL E CHINA - DE CONFLITOS DE INTERESSES À BUSCA DE UMA AGENDA COMUM.** Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, 2011. Disponível em: <<http://ccgi.fgv.br/sites/ccgi.fgv.br/files/file/BrasileChina-deconflitosdeinteresseabuscadeumaagendacomum.pdf>>.

UNCTAD: United Nations Conference on Trade and Development. Disponível em:<http://unctadstat.unctad.org/wds/ReportFolders/reportFolders.aspx?sRF_ActivePath=p,15912&sRF_Expanded=,p,15912>. Acesso em 10/06/2015

ANEXOS:

Tabela 11 - (Referente ao gráfico 1) Brasil: Exportações, Importações, Saldo Comercial entre 2000 e 2014 (Valor em US\$ Bilhões).

Ano	Exportação	Variação anual	Importação	Variação anual	Saldo
2000	55.1	0.0	55.9	0.0	-0.7
2001	58.3	5.8	55.6	-0.5	2.7
2002	60.4	3.7	47.2	-15.0	13.2
2003	73.2	21.1	48.3	2.3	24.9
2004	96.7	32.1	62.8	30.0	33.8
2005	118.5	22.6	73.6	17.1	44.9
2006	137.8	16.3	91.4	24.1	46.5
2007	160.6	16.6	120.6	32.0	40.0
2008	197.9	23.2	173.0	43.4	25.0
2009	153.0	-22.7	127.7	-26.2	25.3
2010	201.9	32.0	181.8	42.3	20.1
2011	256.0	26.8	226.2	24.5	29.8
2012	242.6	-5.3	223.2	-1.4	19.4
2013	242.0	-0.2	239.7	7.4	2.3
2014	225.1	-7.0	229.1	-4.4	-4.0

Fonte: Elaboração própria a partir de dados Secex.

Tabela 12 (Referente ao Gráfico 3) – Participação Chinesa nas Exportações e Importações Brasileiras entre 2000 e 2014 (Valor em percentual).

Ano	Exportações	Importações
2000	1.97	2.19
2001	3.26	2.39
2002	4.17	3.29
2003	6.19	4.44
2004	5.63	5.91
2005	5.77	7.28
2006	6.10	8.75
2007	6.69	10.46
2008	8.35	11.59
2009	13.73	12.46
2010	15.25	14.08
2011	17.31	14.49
2012	17.00	15.35
2013	19.01	15.57
2014	18.04	16.30

Fonte: Elaboração própria a partir de dados brutos ALICEWEB.

Tabela 13- Valor Bruto de Produção da Indústria Brasileira nos anos 2000, 2008 e 2012(Valor em R\$ milhões).

Seção NCM	Valor Bruto de Produção		
	2000	2008	2012
Básicos	117.538	385.504	617.090
Alimentos, Bebidas e Tabaco*	99.304	293.387	451.851
Produtos Minerais*	18.234	92.117	165.239
Industrializados	410.113	1.180.011	1.422.712
Indústrias Químicas ou Conexas**	71.451	186.077	223.269
Plástico e Borracha**	20.979	52.946	73.685
Peles, Couros e Obras destas**	3.475	7.375	8.590
Pastas de Madeira e matérias celulósicas*	20.314	46.702	56.628
Matérias Têxteis e Obras*	15.750	27.078	34.034
Calçados**	7.898	31.516	49.656
Produtos Minerais Não Metálicos**	16.543	42.695	64.114
Metais Comuns e Obras**	49.504	191.276	191.300
Máquinas e Aparelhos**	67.870	176.615	222.746
Material de Transporte**	56.936	220.935	263.111
Ótica, Fotografia, Cirúrgicos, Relojoaria**	3.623	4.416	9.304
Outros	75.770	192.380	226.275
TOTAL	527.651	1.565.515	2.039.802

Fonte: Elaboração própria a partir de dados IBGE PIA